

HIPÓTESES DE VIDAS CONSECUTIVAS EM CONTEXTOS ARISTOCRÁTICOS

Hypotheses of Consecutive Lives in Aristocratic Contexts

Hipótesis de Vidas Consecutivas en Contextos Aristocráticos

Michelly Antunes Ribeiro | michellya.ribeiro@gmail.com

Psicóloga clínica. Especialista em Jornalismo Político; Dança e Consciência Corporal; Neuropsicologia. Voluntária da *Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas* (Consecutivus) e da *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (Ceaec).

Palavras-chave:

Automimese
Autopesquisa
Conscienciometria
Recin
Seriexologia

Keywords:

Conscienciometry
Recin
Self-mimesis
Self-research
Seriexology

Palabras clave:

Automimesis
Autoinvestigación
Concienciometría
Recín
Seriexología

Resumo:

O presente artigo visa analisar o perfil aristocrata ao longo da seriéxis, detalhando os caracteres, traços, traques, temperamento e nível cognitivo. Utiliza pesquisa bibliográfica sobre o tema para apresentar breve contextualização histórica. A partir da leitura de biografias e do estudo de verbetes com os temas aristocracia e temperamento, apresenta-se listagem de papéis sociais e traços para propor síntese do temperamento desse grupo. Por fim, o *labcon* pessoal é compartilhado para exemplificação do aprendizado de sair de si em prol de outras consciências, em projetos interassistenciais, enquanto recin prioritária para consciências com o temperamento aristocrático.

Abstract:

This article aims to analyze the aristocratic profile along the seriexis, detailing the characters, strongtraits, weaktraits, temperament and cognitive level. It uses bibliographic research on the subject to present a brief historical contextualization. From the reading of biographies and the study of entries with the themes of aristocracy and temperament, a list of social roles and traits is presented to propose a synthesis of the temperament of this group. At the end, the personal labcon is shared to exemplify the learning to leave one's self in favour of other consciences, in interassistential projects, as a priority recin for consciences with the aristocratic temperament.

Resumen:

El presente artículo tiene como objetivo analizar el perfil aristocrático a lo largo de la seriexis, detallando los caracteres, traços, traques, temperamento y nivel cognitivo. Utiliza la investigación bibliográfica sobre el tema para presentar una breve contextualización histórica. A partir de la lectura de biografías y del estudio de verbetes con los temas aristocracia y temperamento, se presenta una lista de roles sociales y rasgos para proponer una síntesis del temperamento de ese grupo. Finalmente, se comparte el labcon personal para ejemplificar el aprendizaje de salir de sí en pro de otras consciencias, en proyectos interasistenciales, relativos a la recín prioritaria de consciencias con temperamento aristocrático.

INTRODUÇÃO

Motivação. A ideia deste trabalho surge a partir do estudo, em andamento há 11 anos (Ano-base: 2024), centrado em personalidade-específica que viveu em contexto aristocrático. Desencadeado pela autopesquisa seriexológica, esta autora tem buscado reciclar os tráfegos comuns à personalidade em estudo, especialmente aqueles relacionados à aristocracia, objeto de foco deste artigo.

Aristocracia. Nesse sentido, este artigo objetiva explicitar o temperamento, trejeitos e traços conscienciais relacionados ao contexto aristocrático, considerando a hipótese de a conscin apresentar resquícios na automanifestação atual decorrente de retrovidas na condição de aristocrata, especialmente na análise de vida pós-*Curso Intermissivo*.

Metodologia. A metodologia de pesquisa aqui utilizada foca em bibliografias históricas na aristocracia europeia em virtude das hipóteses pessoais seriexológicas, contudo, ressalta-se a existência de classe nobre em períodos e locais variados. Realizou-se pesquisa de verbetes relacionados à aristocracia e ao temperamento na *Enciclopédia da Conscienciologia* (Vieira, 2023). A partir dessas pesquisas, propôs-se listagem não exaustiva de possíveis papéis e traços conscienciais, com o objetivo de elaborar a síntese do temperamento desse grupo, em estudo exploratório inicial, utilizando-se o *autolabcon* para fins de exemplificação.

Estrutura. O artigo está estruturado em 4 seções:

- I. Breve contextualização sobre a história da aristocracia.
- II. Principais papéis exercidos no contexto aristocrático contemporâneo.
- III. Análise da conscin aristocrata: conscienciometria e Seriexologia.
- IV. Casuística pessoal de reciclagem intraconscinencial.

I. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DA ARISTOCRACIA

Etimologia. A palavra *aristocracia* surgiu no século XVI; já o vocábulo *aristocrata* apareceu no século XIX. Ambos provêm do idioma francês, *aristocratie*, palavra derivada do idioma Latim, *aristocratia*, e, esta, do idioma Grego, *aristokratía*, “poder; organização social e política monopolizadora; classe privilegiada; fidalguia” (Ribeiro, 2023, p. 10.120).

Origem. A definição de aristocracia provém do filósofo grego Aristóteles (384 a.e.c. – 322 a.e.c.). Para ele, a aristocracia era uma das 6 formas de governo ou constituição política, ao lado da monarquia, politeia, tirania, oligarquia e democracia (Knoll, 2017, p. 91).

Grécia. Para Aristóteles, a aristocracia consistia no poder concentrado nas mãos de poucos, sem distinção de nascimento ou riqueza, mas de quem detinha formação moral e intelectual, cuja prioridade era atender aos interesses do povo, ou seja, visando o bem comum. Contudo, a aristocracia acabou por degenerar na oligarquia, cujo poder político era distribuído entre seletos grupos por transmissão hereditária, não devido à capacidade, mas pela manutenção de privilégios (Knoll, 2017, p. 94 e 95).

Patrícios. Na Roma Antiga (753 a.e.c. – 476 a.e.c.), a aristocracia era formada pelos patrícios, desde o período régio até a queda do Império. Eles detinham diversos privilégios governamentais, tais como a isenção de tributos, a exclusividade para se tornarem soberanos e magistrados, oficiais e senadores. Além disso, desempenhavam altas funções no exército, na religião, na justiça e na administração pública. Eram grandes proprietários de terra e credores dos plebeus.

Privilégios. Com o passar dos séculos, as desigualdades e os privilégios ficaram cada vez mais nas mãos de poucos e, assim, a aristocracia ficou *lado a lado* com a monarquia, conforme ilustra Elias (2001, p. 90):

“O rei pode aliviar ou evitar o empobrecimento e a ruína de uma família nobre por meio de seu favorecimento pessoal. Ele pode vir em auxílio da família concedendo um cargo na corte ou um posto militar ou diplomático. Pode torná-la beneficiária de uma das prebendas à sua disposição. Pode simplesmente dar-lhe uma quantia em dinheiro, por exemplo, na forma de uma pensão. O favorecimento do rei é, por conseguinte, uma das oportunidades mais promissoras que as famílias da *noblesse d’épée* têm para impedir o círculo vicioso do empobrecimento provocado por suas despesas de representação. É compreensível que as pessoas não quisessem abrir mão dessa oportunidade, comportando-se de uma maneira que fosse desagradável ao rei.”

Feudalismo. De acordo com Hoppe (2022, p. 22), a ideia de realeza por direito de nascimento era ausente durante os tempos medievais iniciais. Era preciso o consentimento da sociedade de maneira geral, a qual era livre para abandonar o rei e buscar um novo soberano.

Queda. A monarquia teve o apoio da burguesia, com a desestruturação do feudalismo, e foi reagrupando em suas mãos o poder que antes pertencia à aristocracia (Franco Júnior, 1985, p. 86).

Estrutura. Na Idade Moderna (1453–1789), a aristocracia tinha a função de sustentar o poder do monarca, ocupando cargos de administração do governo. Os casamentos eram arranjados dentro da aristocracia. Era uma maneira de centralizar ou monopolizar o poder em parceria com instituições religiosas. O nascimento em contexto aristocrático proporcionava privilégios, tais como: o direito à educação, cargos políticos e *status*.

“Quando um sistema de privilégios bem equilibrado atinge uma determinada estabilidade, nenhum dos privilégios lhe pode escapar sem pôr em causa as próprias bases da sua existência pessoal e social [...]. O príncipe achava-se superior ao duque, o duque superior ao marquês e, todos em conjunto, enquanto membros da nobreza, nunca dariam seu lugar aos plebeus sujeitos ao imposto. Uma atitude gerava a outra: por ação de reação, o mecanismo social equilibrava-se, estabilizava, por assim dizer, em equilíbrio instável. A etiqueta era a face exterior desse equilíbrio” (Elias, 2001, p. 62 e 63).

Inglaterra. O romance de bases biográficas, *Aristocratas*, de Stella Tillyard (2003), traça, a partir de cartas trocadas por membros de certa família nobre da Inglaterra do século XVIII, mais especificamente as irmãs Lennox, o modo de pensar e agir dessa e de outras famílias com o mesmo holopenses. Os costumes ali apresentados abrangem desde a posse de serviçais e governantas, a participação em eventos sociais e festivos, até os dramas relacionados a questões políticas e afetivas.

Austen. Para ilustrar mais o contexto da aristocracia inglesa do século XVIII, há os romances de Jane Austen (1775–1817), escritora de família pertencente à nobreza agrária, cujos textos refletiam o ambiente do seu entorno, principalmente familiar e íntimo, destacando as dificuldades e dilemas das interações entre as classes sociais.

Fim. A Revolução Francesa (1789–1799) foi a principal responsável pelo fim dos privilégios da aristocracia naquele país, da queda da monarquia e redução do poder da Igreja, libertando os camponeses dos nobres e do clero. Além disso, representou a consolidação do sistema republicano com constituição vigente junto à ascensão do capitalismo (Hobsbawn, 1991, p. 109).

Mundo. Esses e outros fatos políticos geraram repercussão mundial, com efeitos no Ocidente até hoje, inaugurando a Idade Contemporânea (1789–) (Hobsbawn, 1991, p. 94 e 95).

Política. Pós-revolução, as aristocracias ainda mantinham alto controle político na Grã-Bretanha, Alemanha, Áustria e Rússia no final do século XIX. Esse controle teve fim com a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) (Fernandes, 2023, *online*).

II. PRINCIPAIS PAPÉIS NO CONTEXTO ARISTOCRÁTICO CONTEMPORÂNEO

Status. Percebeu-se o fascínio em torno do status de aristocrata ou herdeiro de famílias nobres, algo comum na Europa do século XVIII até o começo do século XX, a ponto de muitas biografias de figuras célebres mencionarem sua origem aristocrática.

Vestimenta. A vestimenta distinguia as pessoas da aristocracia das de outras classes, incluindo a maneira de se portarem socialmente, conforme ilustra Fellowes (2012, p. 135 e 136):

“As roupas das mulheres de alta classe eram adornadas com rendas e com bordados feitos à mão. Homens e mulheres faziam diversas trocas de roupa ao longo do dia, começando pelo vestido matinal, que, para uma dama, deveria ser simples e refinado, e não deveria se usar uma grande quantidade de joias, enquanto a noite se usava vestidos de gala, com detalhe cheios de brilho, pedrarias e renda, e uma maior quantidade de joias. [...] Aponta ainda que, as empregadas tinham dois uniformes, um mais simples para a manhã, e um para a tarde e a noite que geralmente era todo preto com o avental mais decorativo. As roupas de passeio das empregadas eram mais simples e os tecidos de qualidade inferior. O espartilho era de uso obrigatório para todas as mulheres em qualquer classe social, assim como luvas e chapéu.”

Família. Para se caracterizar enquanto aristocrata, uma família deve figurar entre aquelas que recebem privilégios políticos, sociais e/ou econômicos, associada aos abastados ou com grande prestígio por meio de casamentos entre as partes.

Perfil. Importa esclarecer que o perfil aristocrata abrange dos senhores de terras aos herdeiros; dos religiosos e aliados à monarquia; dos frequentadores de salões intelectuais aos artísticos. Existe ampla gama de papéis, não somente o político, exercidos dentro do contexto aristocrático.

Características. Quanto ao nascimento em família aristocrata, algumas condições de vida, por exemplo a política com privilégios ou o fácil acesso a ambientes de prestígio, podem ser a origem de certos traços conscienciais dessas conscins, tais como vaidade, orgulho, soberba, hedonismo e a consequente acomodação, levando em consideração *a vida sem esforço*. Além dessas, o acesso à educação, arte e cultura favorece o reconhecimento da conscin quanto à sua erudição, à interação com outras personalidades de áreas distintas e a bajulações. No que se refere às exigências protocolares, ao modo das posturas e costumes para cada ocasião, a conscin aristocrata pode ter desenvolvido o detalhismo, o perfeccionismo, o hipercriticismo, a rigidez e o tradicionalismo, por exemplo.

Política. Além dos traços citados, é comum observar autoritarismo, beligerância, competitividade, empreendedorismo, liderança, aglutinação, audácia, constância, determinação, pioneirismo e vanguardismo, presentes também no meio político (Ribeiro, 2023, p.10.123 e 10.124).

Classificação. A fim de facilitar a autolocalização seriexológica, a Tabela 1, a seguir, traz 6 possíveis papéis sociais exercidos pelos aristocratas, embasados em biografias de personalidades históricas, sejam eles por nascimento ou casamento.

Tabela 1 – Exemplos de papéis aristocráticos

Nº	Papéis Aristocráticos	Exemplos de personalidades históricas
1.	Artistas	Élisabeth de Riquet de Caraman (1860–1952) Sarah Bernhardt (1844–1923)
2.	Cientistas	Ada Lovelace (1815–1852) Mary Sommerville (1780–1872) Nicolau Copérnico (1473–1543)
3.	Intelectuais	Étienne Bonnot de Condillac (1714–1780) Friedrich Nietzsche (1844–1900) Henry Frederick Howard (1516–1547) Liev Tolstói (1828–1910) Lou Salomé (1861–1937)
4.	Militar	Napoleão Bonaparte (1769–1821)



Nº	Papéis Aristocráticos	Exemplos de personalidades históricas
5.	Políticos	Ana Bolena (1507–1536) Jeanne-Antoinette Poisson, Marquesa de Pompadour (1721–1764) Julio Cesar (100 a.e.c. – 44 a.e.c)
6.	Religiosos	Helena Blavatsky (1831–1891)

Fonte: Listagem elaborada por esta autora com base nas apresentações do *Mnemobio* no período entre 17.06.2020 e 21.11.2024.

III. ANÁLISE DA CONSCIN ARISTOCRATA: CONSCIENCIOMETRIA E SERIE-XOLOGIA

Costumes. É a partir dos costumes, o modo de pensar e agir característico da aristocracia, dentro dos diversos contextos históricos, que o conjunto de traços desse grupo é estabelecido, moldando o temperamento, que vai se fixando com o passar dos séculos, à medida que as automimeses acontecem.

Temperamento. De acordo com Vieira (2023, p. 28.222), a gênese das autopredileções é parte da raiz do temperamento da conscin, que é a razão de ser das autoconvicções, ditando também a inclinação tanto para o melhor quanto para o pior, tendo por base a construção pluriexistencial dos autotrafões e autotrafares.

Permanência. Esse autor ainda destaca que a última coisa a mudar é o paracérebro e, a penúltima, o temperamento da consciência.

Serioxologia. Considerando hipótese de série de ressonâncias em contexto aristocrático, pode-se afirmar, quanto ao temperamento, que os traços mencionados variam de acordo com as peculiaridades das atividades exercidas pela conscin aristocrata, repetidas vezes, sejam elas ligadas à arte, ciência, intelectualidade, militarismo, política ou religião.

Biografias. Os estudos de biografias ajudam a formar o entendimento de como determinada personalidade atuou em existências pretéritas. Para esta autora, por meio dessas obras, foi possível identificar traços conscienciométricos comuns a determinados holopenses e localizar registros de tradições mantidas por muitos séculos.

Metria. Considerando que a consciência é poliédrica, ou seja, metaforicamente possui milhares de facetas que se conectam, formando o microuniverso consciencial, ela pode se manifestar com traços e trafores singulares em contextos e grupos de pessoas específicos, podendo deixar traços ociosos, dependendo dos papéis exercidos, da mesologia e do *zeitgeist*.

Síntese. A Tabela 2 a seguir apresenta traços-força, traços-fardos e traços faltantes comuns às conscins aristocratas, auxiliando na elaboração de possível síntese do temperamento singular desse grupo:

Tabela 2 – Traços comuns às conscins aristocratas

Trafões	Trafares	Trafais	Síntese do Temperamento
01. Aglutinação	01. Acobertamento	01. Abertismo	Conscin que pode carregar na intraconscencialidade certo nível de necessidade ou vontade de exercitar o poder ou estar no papel de liderança, tendo a tendência a se acomodar em atividades de prazer, com dificuldades de dosar os autolimites.
02. Argumentabilidade	02. Acomodação	02. Afetuosidade	
03. Audácia	03. Acrasia	03. Altruísmo	
04. Carisma	04. Alexitimia	04. Interconectividade	
05. Comprometimento	05. Alienação	05. Apreciação	
06. Comunicação	06. Amoralidade	06. Aprofundamento	
07. Constância	07. Antagonismo	07. Assertividade	
08. Coragem	08. Anticosmoética	08. Autoaceitação	
09. Criatividade	09. Apego	09. Autoafetividade	
10. Detalhismo	10. Apriorismo	10. Autenticidade	
11. Determinação	11. Arrogância	11. Autocontrole	
12. Dinamismo	12. Autoritarismo	12. Autocriticidade	
13. Disciplina	13. Bajulação	13. Compreensão	
14. Eficiência	14. Beligerância	14. Cooperatividade	
15. Eloquência	15. Cabotinismo	15. Democraticidade	
16. Empreendedorismo	16. Competitividade	16. Desapego	Também revela necessidade de controle, e certa inflexibilidade na manifestação pessoal, com comportamentos mais rígidos e intolerantes com outras consciências com alguma dificuldade, segundo próprio julgamento de inferioridade.
17. Erudição	17. Conflitividade	17. Despojamento	
18. Franqueza	18. Dependência	18. Honestidade	
19. Independência	19. Desorganização	19. Modéstia	
20. Inovação	20. Desprezo	20. Organização	
21. Intelectualidade	21. Discriminação	21. Universalismo	
22. Interatividade	22. Dissimulação		
23. Liderança	23. Dramatização		
24. Logicidade	24. Egoísmo		
25. Organização	25. Elitismo		
26. Persistência	26. Esnobismo		
27. Pioneirismo	27. Fechadismo		
28. Poliglotismo	28. Hedonismo		
29. Pragmatismo	29. Heterocontrole		
30. Proatividade	30. Hiper criticismo		É válido salientar que a ideia é falar de predominância, considerando a possibilidade de a conscin passar por vários contextos ao longo da seriéxis e as características se misturarem. Além disso, vale considerar os traços relacionados a este temperamento predominante, a fim de poder fazer a recin necessária, observando os pontos de autoassédios predominantes na atual existência.
31. Resolutividade	31. Impaciência		
32. Vanguardismo	32. Intolerância		
	33. Manipulação		
	34. Orgulho		
	35. Perfeccionismo		
	36. Politicagem		

Trafores	Trafares	Trafais	Síntese do Temperamento
	37. Preconceito		
	38. Prepotência		
	39. Promiscuidade		
	40. Reatividade		
	41. Rigidez		
	42. Sectarismo		
	43. Sedução		
	44. Soberba		
	45. Superficialidade		
	46. Tradicionalismo		
	47. Vaidade		

Fonte: Adaptado de Ribeiro (2023, p.10.123 e 10.124).

Holopenses. Para ampliar os estudos, sugere-se agregar à Tabela 2 os papéis sociais identificados na Tabela 1: artístico, científico, intelectual, militar, político e religioso, a fim de melhor localizar-se no contexto aristocrático, considerando aquele que possui maior afinidade.

Liderança. Nos diversos papéis levantados no contexto aristocrático, é comum observar a liderança. Esse traço é característico mesmo quando manifestado nos bastidores, por exemplo, a manipulação de figura de liderança sem o desejo de aparecer, como se ela fosse exercida “por baixo dos panos”. Então, pode-se afirmar ser esse um traço predominante na manifestação desse perfil.

Poder. O poder nas mãos de líderes pode ativar alguns trafares adormecidos, tais como arrogância, autoritarismo, competitividade e manipulação, bem como a organização, que pode se manifestar de maneira rígida a fim de estabelecer uma ordem aos subordinados e específica para questões envolvendo o interesse do líder e controle.

Autorrepressões. A valorização das aparências é ponto a ser evidenciado no contexto aristocrático, pois pode ocasionar repressões, principalmente emocionais. Infere-se que a crença disfuncional de que ter poder equivale à força está ligada à dificuldade de demonstrar emoções.

Assincronia. É válido salientar que quando há determinada área mais em evidência no que se refere ao desenvolvimento de habilidades pessoais ao longo da série, geralmente se observam assincronias, ou seja, outras áreas subdesenvolvidas na personalidade da consciência. Por isso, a Tabela 2 não é exaustiva em termos de expansão de possibilidades para atender às singularidades conscientes mais diversas.

Intermissão. Há consciências do contexto aristocrático candidatas ao *Curso Intermissivo* (CI), por hipótese, pela representatividade que têm perante determinado grupo. É possível evidenciar os seguintes traços que ilustram tal condição: intelectualidade, criatividade, inovação, empreendedorismo, pioneirismo, disciplina, comunicação e proatividade, inserido em papel específico (arte, ciência, intelectualidade, militar, político e religioso) com as respectivas características.

Rota. O mau uso do poder no passado leva a conscin a ressonar com a necessidade de recalculas rotas, atinente ao *ciclo multiexistencial pessoal* (CMP), fazendo recomposições grupocármicas além das próprias recins, considerando a Evoluciologia.

Esbregue. Nesse sentido, a consciência pode passar por esbregue intermissivo a fim de fixar, na holomemória, a necessidade de não dispersar o foco daquilo que é o mais importante: a evolução e a interassistência. Assim, Crespo (2023, p. 15.134) define:

“O *esbregue intermissivo* é a paratécnica impactoterápica utilizada pelos amparadores, durante o período entre vidas, notadamente no Curso Intermissivo (CI), visando a ampliação da lucidez da consciex por meio do choque de realidade cosmovisiológica a maior, catalisadora das crises de crescimento e consequente neoperspectivação proexológica.”

Paragenética. Nessa linha, também existe a possibilidade de a conscin intermissivista ressonar com travas ainda mais marcadas na paragenética, justamente pelas chances de os desvios serem maiores, consequência da falta de recin do tráfaz paragenético ao longo das existências.

IV. CASUÍSTICA PESSOAL DE RECICLAGENS INTRACONSCIENCIAIS

Diabetes. Quando acessou a Conscienciologia em 2013, o principal conflito desta autora na ocasião era a baixa aceitação da doença diabetes tipo 1, que possuía desde os 11 anos de idade. A sensação era de estar presa dentro do próprio corpo, privada da liberdade, pela imposição do controle glicêmico.

Conflitos. Essa condição gerou um autoconflito mais intenso para esta autora quando iniciou a pesquisa biográfica de certa personalidade de interesse autoseriexológico, de origem aristocrática, dessomada pelas sequelas de diabetes descompensado.

Verbete. O primeiro verbete desta autora na *Enciclopédia da Conscienciologia* intitulou-se *Doença Retrossomática Reincidente* (Ribeiro, 2023, p. 13.667). De modo indireto, abordava o conceito do tráfaz nosológico. Somente anos depois, após a defesa do primeiro verbete, compreendeu-se a trava e o aprendizado subjacentes à patologia, que se conectava com vidas em contextos aristocráticos.

Definição. O tráfaz nosológico trata da condição somática da conscin portadora de doença cronicificada mantida ao longo da existência intrafísica, programada durante a intermissão, a partir de características paragenéticas, servindo de trava cosmoética consciencial, objetivando o cumprimento de proéxis e recins específicas (Ribeiro, 2025, *online*).

Sedução. Com o passar do tempo, esta autora percebeu existir o tráfaz da sedução na auto-manifestação comunicativa, com tendência ao convencimento pela eloquência (megatrafor comunicativo), sendo mais aparente quando jovem pela dificuldade em ser assertiva. Atualmente, é processo em remissão na manifestação.

Mascaramento. Existia uma tendência a mascarar comportamentos a partir de autojulgamento automático de que aquilo pode ou não ser aceito pelo outro, não no sentido de querer agradar, mas de conseguir o que se quer do interlocutor, ou seja, de maneira manipulativa implícita.

Autenticidade. O principal tráfalo a ser desenvolvido é a autenticidade, que parece estar mais bem lapidada na manifestação desta autora.

Grupocarma. A família nuclear desta autora também serviu de base para reforçar o padrão do perfil aristocrático existente.

Assertividade. O tema principal da autopesquisa desta autora é a comunicação assertiva, a fim de se despremir, visando a autenticidade consciencial em todas as automanifestações.

Patologia. Sendo assim, pessoalmente, o que a patologia autoimune ensina é a necessidade de reciclar o tráfalo paragenético da inautenticidade evidenciada pela sedução, consequência principal da baixa expressividade social, desenvolvida por inúmeras vidas exercendo atividades solitárias e cômodas no âmbito aristocrático, a exemplo da escrita, o que culmina em dificuldades como: objetividade e diretividade na comunicação pessoal e íntima, com liderança exercida de maneira indireta a partir das ideias disseminadas em publicações escritas e nas interações íntimas com figuras com representatividade.

Autenticidade. Considerando o alto nível de repressões existentes no contexto cultural monárquico e aristocrático, a principal conquista desta autora, conscin intermissivista que considera ter vivido muitas vidas na aristocracia, é a autenticidade consciencial.

Desrepressão. As autoexposições, com apresentações de verbetes e/ou artigos conscienciológicos, têm favorecido o processo de desrepressão emocional pessoal, característica essencial para a remissão do contexto patológico aristocrático, potencializando a conexão desta conscin com a própria essência do *Curso Intermissivo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressoma. É possível que a conscin aristocrata ressome com algumas dificuldades de adaptação, principalmente sendo intermissivista, seja no contexto familiar ou pela mesologia de modo mais amplo, podendo tender à rigidez ou à acomodação hedonista, à sedução e ao controle, por exemplo.

Megatrafor. A assunção dos megatrafores ajuda a conscin aristocrata em vidas pregressas a assumir novas responsabilidades evolutivas, sendo colocada em posição de liderança interassistencial em detrimento do poder temporal anticosmoético.

Egocentrismo. A tendência em se considerar o centro das atenções pode atrapalhar a conscin nas interações, impedindo conexões profundas e íntimas. Aprender a sair de si em prol de outras pessoas em projetos interassistenciais é conduta prioritária para a recin do temperamento aristocrático, afinal, ela não está mais nesta vida para ser servida.

Personalidades. A pesquisa sobre personalidades de famílias aristocratas, bem como o estudo dos contextos político, social e cultural, facilita o esmiuçamento conscienciométrico desse perfil, sob a ótica da Seriexologia, considerando as automimeses do *ciclo multiexistencial pessoal*.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. **Crespo**, Telma; *Esbregue Intermissivo* (N. 3.786; 16.06.2016); Verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; Vol. Digital Único (PDF); CCXL + 34.372 p.; 3 E-mails; 11.129 enus.; 727 especialidades; 1 foto; glos. 6.500 termos (verbetes); 1 ilus.; 1.001 microbiografias; 417 tabs.; 25 websites; 1.048 filmes; 22.474 refs.; 125 vídeos; 1.860 webgrafias; alf.; 10ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2023; páginas 15.134 a 15.139; disponíveis em: <<https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>>; acesso em: 09.02.2025; 10h.
02. **Elias**, Norbert; *A Sociedade de Corte: Investigação sobre a Sociologia da Realeza e da Aristocracia de Corte (Die hofische Gesellschaft)*; pref. Roger Chartier; trad. Pedro Süsskind; 316 p.; 9 caps.; 194 notas; 2 anexos; alf.; 23 x 16 cm; br.; Zahar; Rio de Janeiro, RJ; 2001; páginas 62, 63 e 90.
03. **Fellowes**, Jessica; *O Mundo de Downton Abbey*; pref. Jullian Fellowes; trad. Paulo Polzonoff Junior; Bruno Fiuza; & Kvieta Moraes; 304 p.; 14 caps.; 211 fotos; 4 ilus.; 2 genogramas; *Intrínseca*; Rio de Janeiro, RJ; 2012; páginas 135 e 136.
04. **Fernandes**, Isadora Urió; *Aristocracia: A Nobreza de Sangue Azul*; Artigo; *Politize!*, Seção: *História*; 31.10.23; 2 fotos; 1 vídeo; 5 refs.; disponível em: <<https://www.politize.com.br/aristocracia-nobreza/>>; acesso em: 15.12.2024; 22h40.
05. **Franco Júnior**, Hilário; *O Feudalismo*; 104 p.; 4 ilus.; 1 minicurriculo; 22 x15 cm; br.; 3ª Ed.; *Brasiliense*; São Paulo, SP; 1985; página 86.
06. **Hobsbawn**, Eric J.; *A Era das Revoluções: Europa 1789–1848 (The Age of Revolution 1789–1848)*; trad. Maria Tereza Lopes Teixeira; & Marcos Penchel; 502 p.; 2 partes; 16 caps.; 30 citações; 4 enus.; 1 gráf.; 101 ilus.; 8 mapas; 1 tab.; alf.; 23 x 15,50 cm; br.; *Paz e Terra*; Rio de Janeiro, RJ; 1991 [1977]; páginas 94, 95 e 109.
07. **Hoppe**, Hans-Hermann; *Da Aristocracia à Monarquia à Democracia: Uma História de Decadência e Tólice Moral e Econômica (Democracy-The God That Failed: The Economics and Politics of Monarchy, Democracy, and Natural Order)*; coord. Vitor Gomes Calado; int. David Gordon; revisor Vitor Gomes Calado; trad. Alex Pereira de Souza e Vitor Gomes Calado; 58 p.; 3 websites; 7 notas; ono.; pocket; *Konkin*; São Paulo; SP; 2022; página 22.
08. **Knoll**, Manuel; *Aristóteles y el Pensamiento Político Aristocrático*; Artigo; *Revista de Filosofía*; Vol. 73; 1 enu.; 21 notas; 37 refs.; Santiago; Chile; Outubro, 2017; páginas 87 a 106; disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-43602017000100087&lng=es&nrm=iso>; acesso em: 08.04.2024; 19h20.
09. **Ribeiro**, Michelly; *Conscin Aristocrata* (N. 4566; 05.08.2018); *Doença Retrossomática Reincidente* (N. 3473; 08.08.2015); Verbetes; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; Vol. Digital Único (PDF); CCXL + 34.372 p.; 3 E-mails; 11.129 enus.; 727 especialidades; 1 foto; glos. 6.500 termos (verbetes); 1 ilus.; 1.001 microbiografias; 417 tabs.; 25 websites; 1.048 filmes; 22.474 refs.; 125 vídeos; 1.860 webgrafias; alf.; 10ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2023; páginas 10.120 a 10.126; disponíveis em: <<https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>>; acesso em: 02.02.2025; 09h53.
10. **Idem**; *Trafar Nosológico* (N. 7.010; 14.04.2025); Verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; defendido no *Tertuliarium do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<https://encyclossapiens.space/buscaverbete>>; acesso em: 14.04.2025; 22h40.
11. **Tillyard**, Stella; *Aristocratas (Aristocrats)*; trad. Maria Alice Máximo; 420 p.; 5 caps.; 4 diagramas; 75 fotos; epíl.; 23 x 15,5 cm; br.; *Record*; Rio de Janeiro, RJ; 2003.
12. **Vieira**, Waldo; *Raiz do Temperamento* (N. 2185; 22.01.2012); Verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; Vol. Digital Único (PDF); CCXL + 34.372 p.; 3 E-mails; 11.129 enus.; 727 especialidades; 1 foto; glos. 6.500 termos (verbetes); 1 ilus.; 1.001 microbiografias; 417 tabs.; 25 websites; 1.048 filmes; 22.474 refs.; 125 vídeos; 1.860 webgrafias; alf.; 10ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2023; páginas 28.222 a 28.228; disponíveis em: <<https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>>; acesso em: 09.02.2025; 08h36.

PARA CITAR ESTE ARTIGO

1. **Ribeiro**, Michelly Antunes; *Hipóteses de Vidas Consecutivas em Contextos Aristocráticos*; Artigo; *Multiexistência*; Revista; Anuário; Ano 3; N. 3; Seção: *Artigo Original*; 1 E-mail; 2 enus.; 1 minicurrículo; 2 tabs.; 12 refs.; *Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas* (Consecutivus); Foz do Iguaçu, PR; Junho, 2025; páginas 197 a 207.

